


Ecoss de Ofélia: uma análise comparativa da personagem na poesia de Arthur Rimbaud e de Anne Perrier / *Échos d'Ophélie : une analyse comparative du personnage dans la poésie d'Arthur Rimbaud et d'Anne Perrier*

Paola Karyne Azevedo Jochimsen^{1*}

Doutoranda em Filosofia pela Universidade de Coimbra, Master of Arts (M. A.) - Romanistik pela Albert-Ludwigs-Universität Freiburg (2020) e graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (2013). Atua principalmente nos seguintes temas: Desconstrução, Jacques Derrida, Literatura Periférica, Literatura Francófona, Literatura Brasileira, Literatura Feminista, Pós-Colonialismo e Estudos Latino-Americanos.

 <https://orcid.org/0000-0003-4958-2497>

Recebido em: 22 set. 2023. Aprovado em: 21 out. 2023.

Como citar este artigo:

JOCHIMSEN, Paola Karyne Azevedo. Ecoss de Ofélia: uma análise comparativa da personagem na poesia de Arthur Rimbaud e de Anne Perrier. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 12, n. 3, p. 198-225, dez. 2023. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10439363>

RESUMO

A personagem Ofélia da peça *Hamlet* (1599) de William Shakespeare, tem sido uma figura central nas artes e na poesia ao longo dos séculos. Sua trajetória trágica cativou poetas, levando-os a tecer verdadeiras odes em homenagem à melancólica dama. Neste estudo, propomos uma análise comparativa da representação de Ofélia em duas obras de expressão francesa: "*Ophélie*" (1870) de Arthur Rimbaud e "*Le Livre d'Ophélie*" (1979) de Anne Perrier. Ancoramos nossa abordagem teórica nas reflexões de Bachelard (1998) sobre a personagem e nas considerações estéticas de Wölfflin (1989). Ao explorar estas obras, nosso objetivo é entender como cada poeta retratou Ofélia, uma personagem que, apesar de inicialmente secundária em "Hamlet", gerou um fascínio duradouro nas artes e literatura. Elementos notáveis em nossa análise incluem a profunda interação de Ofélia com a natureza, a dualidade da água como símbolo de vida e morte, e a profunda introspecção dos sentimentos da personagem. Contudo, é vital reconhecer que as abordagens de Rimbaud e Perrier são distintas, refletindo as nuances de suas respectivas escolas literárias e os contextos históricos e culturais em que viveram.

PALAVRAS-CHAVE: Ofélia; Poesia; Anne Perrier; Arthur Rimbaud; Gaston Bachelard.

RÉSUMÉ

Le personnage d'Ophélie de la pièce Hamlet (1599) de William Shakespeare a été une figure centrale dans les arts et la poésie à travers les siècles. Sa trajectoire tragique a captivé les poètes, les poussant à tisser de véritables odes en hommage à la mélancolique dame. Dans cette étude, nous proposons une analyse comparative de la représentation d'Ophélie dans deux œuvres d'expression française : "Ophélie" (1870) d'Arthur Rimbaud et "Le Livre d'Ophélie" (1979) d'Anne Perrier. Nous ancrons notre approche théorique dans les réflexions de Bachelard (1998) sur le personnage et dans les considérations esthétiques de Wölfflin (1989). En explorant ces œuvres, notre objectif est de comprendre

^{1*}

paolakajo@gmail.com

comment chaque poète a dépeint Ophélie, un personnage qui, bien que secondaire dans "Hamlet", a suscité un fascinant intérêt durable dans les arts et la littérature. Des éléments notables de notre analyse comprennent la profonde interaction d'Ophélie avec la nature, la dualité de l'eau comme symbole de vie et de mort, et l'introspection profonde des sentiments du personnage. Cependant, il est essentiel de reconnaître que les approches de Rimbaud et Perrier sont distinctes, reflétant les nuances de leurs écoles littéraires respectives et les contextes historiques et culturels dans lesquels ils ont vécu.

MOTS-CLÉS : Ophélie; Poésie; Anne Perrier; Arthur Rimbaud; Gaston Bachelard.

Ao ídolo da minha alma, à celeste Ofélia,
à beleza personificada.
Hamlet

1 Introdução

O renomado dramaturgo inglês William Shakespeare é celebrado por suas inesquecíveis personagens femininas, que se destacam tanto em comédias quanto em tragédias. Entre as mais emblemáticas estão Julieta, de Romeu e Julieta (1592); Cordélia, de Rei Lear (1605); Desdêmona, de Otelo (1603-1604); Cleópatra, de Antônio e Cleópatra (1606); Ofélia, de Hamlet (1599); Lady Macbeth, de Macbeth (1606); Pórcia, de O Mercador de Veneza (1596); Beatriz, de Muito Barulho por Nada (1598-1599); e Titânia, de Sonho de uma Noite de Verão (1595-1596). Estas personagens são frequentemente analisadas por suas intrincadas psicologias, relações interpessoais e conflitos tanto pessoais quanto sociais. Mesmo após séculos, elas continuam a encantar e inspirar o público ao redor do mundo.

Neste estudo, voltamos nossa atenção para a enigmática Ofélia, uma das personagens shakespearianas mais reverenciadas no universo das artes e literatura. A despeito de sua concepção inicial como uma figura secundária, a trajetória da jovem, caracterizada por sua ingenuidade, sensibilidade e paixão pelo príncipe Hamlet, juntamente com os eventos trágicos que a circundam, tem despertado o interesse de muitos.

Ofélia, com suas aparições pontuais em "Hamlet", é sutilmente envolvida na trama política e emocional que cercam o príncipe Hamlet. Este envolvimento leva ao seu suposto declínio mental e subsequente morte. Ela é primeiramente apresentada no Ato I Cena III, em um diálogo com seu irmão, Laertes. No Ato II Cena I, ela discute com seu pai a possível loucura de Hamlet. No Ato III Cena I, Ofélia conversa com Hamlet sob o olhar atento de seu pai, Polônio, e do rei Cláudio. Ela também está presente na encenação teatral proposta por Hamlet no Ato III Cena II. Sua última aparição, já dominada pela loucura, ocorre no Ato IV Cena V. Posteriormente, sua morte é descrita pela rainha Gertrudes no Ato IV Cena VII, que informa a Laertes sobre o trágico destino de sua

irmã. É possivelmente a partir deste trecho poético e vívido que Ofélia realmente começa a capturar a atenção e imaginação dos leitores e espectadores:

Na margem da vizinha ribeira cresce um salgueiro, cuja prateada folhagem se reflecte nas águas cristalinas. Tua irmã aproximou-se daquele sítio, sempre tecendo grinaldas de ranúnculos, ortigas, malmequeres, e dessas flores a que os nossos pastores dão um nome bem grosseiro, mas que as nossas castas donzelas denominam poeticamente dedo da morte. Quando procurava ornar com as suas inocentes grinaldas as argêntas frondes do salgueiro, oh! desgraça! descuidosa foi envolvida na corrente, cercada dos ornatos que lhe serviam como de coroa virginal. Algum tempo suspensa pelas vestes sobre a corrente, assemelhava-se à sereia, cantando incoerentes trechos, inconsciente do próprio risco, como se estivesse no seu nativo elemento. Mas tudo tem um fim, e em breve, soçobrando pelo peso das encharcadas vestes, cessou de cantar, e tornou-se cadáver levado pela corrente. (SHAKESPEARE, 2015, p.171)

Esta descrição, rica em detalhes e emoção, não apenas destaca a tragédia da morte de Ofélia, mas também a eleva a um status quase mítico. A imagem de Ofélia, adornada com flores e flutuando na água, tornou-se uma das representações mais icônicas da literatura. A combinação de sua juventude, inocência e o trágico fim evocam uma sensação de perda profunda e inevitável. Esta representação de Ofélia transcendeu a peça original de Shakespeare e inspirou inúmeras obras de arte, literatura e música ao longo dos séculos.

No trecho específico do Ato V Cena I, a ambiguidade da morte de Ofélia é posta em primeiro plano. A recusa do sacerdote em realizar todos os ritos fúnebres para a jovem, devido à suspeita de suicídio, é reveladora. No contexto da época de Shakespeare, o suicídio era considerado um pecado mortal, e aqueles que se suicidavam eram frequentemente negados um enterro cristão e, em vez disso, eram enterrados em terreno não consagrado.

Fizemos já para o seu funeral tudo quanto nos era lícito fazer; a sua morte tinha um carácter suspeito, e se ordens superiores não tivessem imposto silêncio aos cânones da Igreja, teria sido sepultada em chão profano, onde teria ficado até que a acordasse o clarim do juízo final. Em vez de orar por ela, teríamos lançado sobre o seu corpo tições, entulho e pedras; e contudo coroaram-na como virgem, e flores cobriram a sua campa, e o tanger do bronze sagrado acompanhou-a à sua última morada (SHAKESPEARE, 2015, p.186)

A incerteza em torno de sua morte tem ressoado ao longo dos séculos, inspirando inúmeras interpretações e representações em várias formas de arte. A imagem de Ofélia, seja como a jovem apaixonada e traída ou como a figura trágica que encontra seu fim nas águas, tem

sido uma fonte inesgotável de inspiração. À medida que avançamos em nossa discussão, exploraremos como essa personagem shakespeariana tem sido reinterpretada e representada na arte e na poesia, destacando a contínua fascinação e ressonância de sua história.

2 Ofélia na arte e na poesia²

Ofélia, uma das personagens mais emblemáticas de Shakespeare, tem sido uma musa para poetas e artistas ao longo dos séculos. Mesmo Shakespeare, através da voz de Hamlet, expressou seu amor por ela. No Ato II, Cena II, Polônio, o pai de Ofélia, descobre correspondências amorosas entre o príncipe e sua filha. Para Polônio, o conteúdo dessas cartas é uma evidência clara da loucura de Hamlet. Ele compartilha essas cartas com o rei Cláudio e a rainha Gertrudes, e entre os documentos, há um poema de Hamlet para Ofélia:

Duvida que do céu a abóbada azulada
Tenha esferas de luz de um mágico esplendor,
Duvida seja o Sol o facho da alvorada,
Duvida da verdade em tua alma gravada,
Mas não duvides nunca, oh! nunca, d'este amor.
(SHAKESPEARE, 2015, p.63)

A peça não oferece uma descrição física explícita de Ofélia, deixando sua aparência à imaginação dos atores, diretores e, posteriormente, artistas visuais. No entanto, seu comportamento e interações na peça nos permitem inferir suas características psicológicas. Ofélia é retratada como jovem, possivelmente bela e certamente inocente. Sua emotividade é evidente, e ela é frequentemente influenciada pelas palavras e ações dos outros, especialmente Hamlet e seu pai, Polônio.

A natureza trágica e ambígua de sua morte capturou a imaginação de muitos artistas do século XIX. A ausência de uma descrição física concreta de Ofélia abriu portas para diversas interpretações artísticas. Durante a Era Vitoriana, caracterizada por uma forte ênfase na

² É importante mencionar que a figura de Ofélia foi amplamente representada na poesia brasileira por renomados autores como Álvares de Azevedo, Alphonsus Guimaraes, Henriqueta Lisboa, Machado de Assis e Raimundo Correia. Esses autores contribuíram significativamente para a riqueza literária do tema no contexto brasileiro. Contudo, a escolha deste estudo de se concentrar na literatura em língua francesa tem como intuito proporcionar uma análise mais aprofundada e contextualizada no universo da literatura francófona. Investigações futuras podem se valer de uma abordagem comparativa entre estas tradições literárias.

moralidade e nos bons costumes, a figura de Ofélia foi redescoberta e frequentemente representada.

O movimento pré-rafaelita, conhecido por suas representações detalhadas da natureza, figuras femininas e cenas históricas e mitológicas, foi particularmente atraído por ela. Artistas como John Everett Millais, em "*Ophelia*" (1852), Dante Gabriel Rossetti, em "*Hamlet and Ophelia*" (1858), e Arthur Hughes, em "*Ophelia*" (1865), reimaginaram e deram vida à personagem em suas obras, solidificando sua posição como uma das figuras literárias mais icônicas e visualmente representadas.

A estética e os valores artísticos de alguns dos membros da irmandade, que também eram pintores, refletiam em sua poesia. Eles enalteciam principalmente temas da natureza, espiritualidade cristã, arte medieval e valorizavam a precisão na descrição das cenas e sentimentos. Em sua poesia empregavam uma linguagem precisa e detalhada para transmitir suas ideias. Entre os principais poetas pré-rafaelitas incluem William Morris, Algernon Charles Swinburn e os irmãos Dante Gabriel Rossetti e Christina Rossetti.

Figura 1 - *Ophelia* (1865) de Arthur Hughes.



Fonte: Toledo Museum³

A jovem heroína de Shakespeare também despertou o interesse dos artistas franceses, entre elas temos *La mort d'Ophélie* (1843) de Eugène Delacroix, *La jeune martyre* (1853) de Paul Delaroche, *Ophélie* (1880) de Madeleine Lemaire e *Ophélie* (1883) de Alexandre Cabanel. No entanto foi na poesia que Ofélia teve um grande destaque. O poeta Théodore de Banville, precursor da poesia parnasiana na França, evocou em seus poemas alguns personagens femininos da obra de Shakespeare, Cordélia, Julieta e principalmente Ofélia. Podemos destacar *La voie lactée* da coletânea *Les Cariatides* (1842), *A Henry Murger* presente em *Odelettes* (1846) e *Mascarades* em *Odes funambulesques* (1859). Neste trecho do poema *A Henry Murger* podemos perceber a associação de elementos aquáticos evocando as circunstâncias trágicas da morte da personagem.

³ Disponível em: <http://emuseum.toledomuseum.org/objects/55107> Acesso em 23.05.2023

Comme l'autre Ophélie,
Dont la douce folie
S'endort en murmurant
Dans le torrent,

Pâle, déchevelée
Et dans l'onde étoilée
Éparpillant encor
Ses tresses d'or,⁴
(BANVILLE, p. 13, 1856)

A personagem shakespeariana Ofélia foi objeto de diversas abordagens poéticas ao longo do século XIX. Em 1842, Ernest Legouvé escreveu *La mort d'Ophélie* em 1843, Alfred de Musset compôs *A la même*. Em 1861, Henry Murger dedicou um poema a Ofélia na coletânea *Les Nuits d'hiver*. Em 1894, Laurent Tailhade escreveu *Les fleurs d'Ophélie*, e em 1892, Saint-Paul Roux escreveu *Autre temps, autre Ophélie*. Jules Laforgue também fez referências a Ofélia em seus poemas *Dimanches* presente em *Fleurs de bonne volonté* (1890) e *Stérilités* (1896). Por fim, em 1897, Jean Lorrain escreveu *Pauvres petites Ophélie*.

No entanto, o poema mais famoso produzido em língua francesa que tem Ofélia como principal personagem é "*Ophélie*" (1870) de Arthur Rimbaud. Rimbaud, com sua linguagem lírica e imagética, oferece uma interpretação intensa da tragédia de Ofélia, retratando-a não apenas como uma figura trágica, mas também como um símbolo da juventude perdida e da fragilidade da existência humana. Sua abordagem poética, rica em simbolismo e emoção, delineia os contornos da personagem, tornando-a ainda mais enigmática e cativante. Este poema será central para nossa análise neste trabalho.

No século XX, a poetisa suíça de expressão francesa Anne Perrier emergiu como uma das pioneiras na poesia *romande* (produção em língua francesa). Sua vida e obra foram inteiramente dedicadas à poesia. Neste estudo, focaremos especificamente na análise da coletânea de poemas dedicados a Ofélia presentes em "*Le livre d'Ophélie*" (1979). Perrier, com

⁴ Como a outra Ofélia,
Cuja doce loucura
Adormece sussurrando
Na torrente,

Pálida, desgrenhada
E na onda estrelada
Dispersando ainda
Suas tranças douradas
(Nossa tradução)

sua sensibilidade aguçada, oferece uma perspectiva feminina sobre Ofélia, contrastando e complementando as representações tradicionais da personagem que, por tanto tempo, foram dominadas pelo olhar masculino.

Para aprofundar nossa compreensão sobre a representação e significado de Ofélia na literatura e nas artes, é essencial recorrer a uma base teórica sólida. Neste contexto, o capítulo "Complexo de Ofélia" presente na obra "A Água e os Sonhos" (1998) de Gaston Bachelard oferece uma análise profunda e introspectiva sobre a personagem. Bachelard, com sua abordagem fenomenológica, nos ajuda a entender as múltiplas camadas de significado associadas a Ofélia e como ela se tornou um símbolo tão poderoso na cultura ocidental. Esta seção se dedicará a explorar as ideias de Bachelard e como elas se relacionam com as representações de Ofélia nas obras de Rimbaud e Perrier.

3 Gaston Bachelard e o complexo de Ofélia

O livro *A Água e os Sonhos* é um livro escrito por Gaston Bachelard, publicado pela primeira vez em 1942, no qual ele examina as imagens e os simbolismos relacionados ao elemento da água na literatura e na cultura. Ele propõe uma perspectiva intrigante: antes de os humanos se aventurarem nos mares por razões utilitárias, a água já era percebida como um portal para o desconhecido, um elemento carregado de mistério e significado. Esta perspectiva desafia a noção comum de que a navegação nasceu puramente de necessidades práticas.

Os gregos antigos dentro de sua vasta cosmogonia representaram a água como símbolo da morte. Para eles a morte não era o fim, mas uma continuação da jornada da alma, e a água desempenhava um papel crucial nessa transição. Hades, o deus do submundo e irmão de Zeus, governava o reino onde as almas dos mortos residiam. Este reino era separado do mundo dos vivos por rios misteriosos, como o Estige e o Aqueronte. Caronte, o barqueiro, tinha a tarefa de transportar as almas dos mortos através desses rios. No entanto, para fazer essa travessia, as almas precisavam pagar um óbolo, geralmente uma moeda colocada na boca do defunto antes do sepultamento. Aqueles que não tinham como pagar ou não recebiam rituais de sepultamento adequados eram condenados a vagar eternamente pelas margens desses rios, nunca conseguindo alcançar o descanso no reino de Hades.

Tomando como base essa visão grega da morte e da água. Ao adentrarmos na seara filosófica de Bachelard, percebemos que a relação de Ofélia com a água nos conduz a uma

reflexão sobre os profundos simbolismos ligados à morte e à travessia aquática. Antes mesmo de Ofélia, já havia o complexo de Caronte, que simboliza a passagem das almas pelas águas rumo ao além. Segundo Bachelard (1998, p.79), embora este complexo não seja tão marcante e palpável em nossa cultura atual, ele ainda ecoa em nosso inconsciente coletivo.

Mesmo nos rituais fúnebres contemporâneos, que tendem ao enterro ou à cremação, nosso inconsciente ainda vislumbra uma jornada que ultrapassa o túmulo, uma travessia pelas águas. Esta noção de morte como uma travessia é frequentemente explorada na literatura e na arte. Muitos poetas, inspirados por figuras como Ofélia, exploraram essa conexão entre sonho, morte e água em suas obras. A história de Ofélia, assim, não é apenas uma tragédia, mas uma representação da jornada da alma conforme percebida por nossa imaginação.

A morte de Ofélia em "Hamlet" exemplifica essa relação mística com a água. Bachelard vê em Ofélia uma figura predestinada à morte desde sua primeira aparição. Sua morte aquática torna-se um símbolo da jornada da alma através do desconhecido. A água, neste contexto, não é apenas um elemento físico, mas um portal para o além. Ainda segundo Bachelard, Ofélia pode ser interpretada como um símbolo para o suicídio feminino.

Ofélia poderá, pois, ser para nós o símbolo do suicídio feminino. Ela é realmente uma criatura nascida para morrer na água, encontra aí, como diz Shakespeare, 'seu próprio elemento'. A água é o elemento da morte jovem e bela, da morte florida, e nos dramas da vida e da literatura é o elemento da morte sem orgulho nem vingança, do suicídio masoquista. (BACHELARD, p.85,1998)

Ao explorar a representação poética de Ofélia, Bachelard (1998) destaca a duradoura influência de Shakespeare no imaginário cultural. A imagem de Ofélia, com seus cabelos flutuantes e flores, tornou-se um símbolo poderoso de tragédia e beleza, capturando a atenção de artistas e poetas por gerações. Bachelard argumenta que essa representação específica de Ofélia, particularmente sua "cabeleira flutuante, uma cabeleira desatada pelas ondas", é mais do que apenas uma descrição; é uma sinédoque poética, onde uma parte de Ofélia (seu cabelo) representa o todo de sua tragédia e encanto.

Durante séculos ela aparecerá aos sonhadores e aos poetas, flutuando em seu riacho, com suas flores e sua cabeleira espalhando-se sobre a onda. Ela dará ensejo a uma das mais claras sinédoques poéticas. Será uma cabeleira flutuante, uma cabeleira desatada pelas ondas. (BACHELARD, p.86,1998)

Esta imagem, imortalizada por Shakespeare, ressoa profundamente, demonstrando o poder da literatura em moldar e influenciar nossa percepção e interpretação do mundo ao nosso redor. Neste contexto, ao nos aprofundarmos na análise poética, podemos desvendar as camadas de significado e emoção que se entrelaçam na figura de Ofélia, proporcionando uma compreensão mais rica de sua representação e relevância.

Figura 2 – *Ophelia* (1900) de Friedrich Wilhelm Theodor Heyser



Fonte: <https://www.neumeister.com>⁵

Dando continuidade à nossa análise, é interessante observar como Bachelard destaca o papel transformador dos poetas na percepção de Ofélia. Em vez de se aterem à tragédia e ao aspecto mórbido de sua morte, os poetas têm a capacidade de transcender esses elementos e apresentar Ofélia sob uma luz diferente. Bachelard (1998, p.90) afirma que "A imagem de Ofélia resiste mesmo ao seu componente macabro que os grandes poetas sabem apagar". Esta perspectiva sugere que, através da poesia, Ofélia é elevada de uma figura trágica a um símbolo de beleza e transcendência, demonstrando o poder da arte em redefinir e reinterpretar narrativas.

Conforme delineado por Bachelard (1998), o nome de Ofélia, por si só, desencadeia uma complexa exploração da imaginação, intrinsecamente associada aos temas de infelicidade e

⁵ Disponível em: <https://www.neumeister.com/kunstwerksuche/kunstdatenbank/ergebnis/651-155/Friedrich%2BWilhelm%2BTheodor-Heyser/>

morte. A imagem material da água emerge como um símbolo particularmente poderoso e natural para encapsular esses conceitos profundos. Nesse sentido, o autor prossegue destacando que mesmo a recorrente imagem das lágrimas é insuficiente para capturar a verdadeira profundidade que a figura em questão carrega. As lágrimas, embora frequentemente invocadas para ilustrar a tristeza das águas, não abrangem integralmente sua complexidade. Bachelard enfatiza que é necessário ir além.

A análise filosófica bachelardiana ainda destaca o papel do desespero na interpretação das imagens aquáticas. A figura de Ofélia, em "Hamlet", é emblemática nessa relação. Consumida por um desespero avassalador, sua conexão final com a água não é apenas uma morte física, mas o desfecho de uma tormenta emocional e psicológica. A água, frequentemente vista como símbolo de vida, renovação e continuidade, é transformada na narrativa shakespeariana em um abismo de desespero e tragédia.

Essa visão sombria da água não é uma peculiaridade de Shakespeare. A literatura, ao longo dos séculos, tem se apropriado da água como metáfora para os mais variados sentimentos humanos, desde a esperança até o desespero mais profundo. À medida que avançamos para a análise dos poemas de Rimbaud e Perrier, é crucial reconhecer essa multifacetada representação da água. Ambos os poetas, com suas nuances e estilos distintos, trazem à tona diferentes aspectos dessa relação entre água e emoção, ampliando nossa compreensão sobre Ofélia e a rica simbologia que a água possui na literatura.

4 Rimbaud e Perrier: entre duas Ofélias

Arthur Rimbaud (1854-1891), um ícone da poesia francesa, teve uma carreira literária breve, mas intensamente impactante. Ele desafiou as convenções poéticas de sua época e rapidamente se estabeleceu como uma figura central do movimento simbolista. Em "*Ophélie*" (1870), Rimbaud apresenta uma interpretação da personagem que é ao mesmo tempo lírica e melancólica, refletindo sua abordagem singular à poesia. Mesmo tendo abandonado a escrita em sua juventude, Rimbaud deixou um legado duradouro, e seu compromisso com a poesia, embora efêmero, foi ardente e visceral.

Anne Perrier (1922-2017), por sua vez, manteve uma dedicação contínua à poesia ao longo de sua vida, tornando-se uma voz significativa na literatura francófona. Em "*Le livre*

d'Ophélie" (1979), Perrier explora a figura de Ofélia com uma sensibilidade única, oferecendo uma visão introspectiva e contemplativa da personagem. Sua poesia é caracterizada por temas de natureza, destino e a condição feminina, e seu compromisso profundo com o ofício poético é evidente em cada linha que escreve.

Ambos os poetas, em suas respectivas carreiras, se aventuraram a explorar a figura enigmática de Ofélia. Rimbaud, em sua abordagem, apresenta Ofélia como parte de uma paisagem, quase como uma extensão da natureza, refletindo a tragédia através de imagens e simbolismos. Em contraste, Perrier dá voz, profundidade e emoção a Ofélia, retratando-a não apenas como um símbolo da condição feminina, mas também como uma personagem com sentimentos e desejos profundos. Juntos, esses dois poetas oferecem visões complementares e contrastantes da eterna musa shakespeariana, demonstrando o poder da poesia em reinterpretar e reimaginar personagens clássicos.

4.1 Ophélie⁶ de Arthur Rimbaud

Ophélie é um dos poemas mais emblemáticos de Rimbaud, no qual o poeta oferece uma reinterpretação da trágica heroína de Shakespeare. Diferente da representação teatral, Rimbaud constrói uma imagem lírica e melancólica de Ofélia, onde ela é mais uma parte integrante da paisagem do que uma entidade com sua própria interioridade. A natureza e a figura de Ofélia se fundem, tornando-se quase indistinguíveis em sua tragédia compartilhada. O poema, com sua ênfase na descrição e na estética, é uma celebração da beleza efêmera e da tristeza. Rimbaud, com sua linguagem poética característica, apresenta Ofélia mais como um elemento de um quadro pictórico do que como uma personagem com profundidade emocional. Para garantir que todos os leitores possam apreciar plenamente a riqueza e a profundidade destes poemas, ambos serão acompanhados de suas respectivas traduções em português.

Ophélie
Arthur Rimbaud

|

Sur l'onde calme et noire où dorment les étoiles
La blanche Ophélie flotte comme un grand lys,
Flotte très lentement, couchée en ses longs voiles...

Ofélia
Arthur Rimbaud

|

Sobre a onda calma e escura onde dormem as estrelas,
A branca Ofélia flutua como um grande lírio,
Flutua muito lentamente, deitada em seus longos véus...

⁶ Um manuscrito do poema foi enviado ao poeta parnasiano Arthur de Banville.

– On entend dans les bois lointains des hallalis.

Voici plus de mille ans que la triste Ophélie
Passe, fantôme blanc, sur le long fleuve noir;
Voici plus de mille ans que sa douce folie
Murmure sa romance à la brise du soir.

Le vent baise ses seins et déploie en corolle
Ses grands voiles bercés mollement par les eaux;
Les saules frissonnants pleurent sur son épaule,
Sur son grand front rêveur s'inclinent les roseaux.

Les nénuphars froissés soupirent autour d'elle;
Elle éveille parfois, dans un aune qui dort,
Quelque nid, d'où s'échappe un petit frisson d'aile :
– Un chant mystérieux tombe des astres d'or.

II

Ô pâle Ophélie ! belle comme la neige !
Oui tu mourus, enfant, par un fleuve emporté!
– C'est que les vents tombant des grands monts de
Norwège
T'avaient parlé tout bas de l'âpre liberté;

C'est qu'un souffle, tordant ta grande chevelure,
A ton esprit rêveur portait d'étranges bruits;
Que ton cœur écoutait le chant de la Nature
Dans les plaintes de l'arbre et les soupirs des nuits;

C'est que la voix des mers folles, immense râlê,
Brisait ton sein d'enfant, trop humain et trop doux ;
C'est qu'un matin d'avril, un beau cavalier pâle,
Un pauvre fou, s'assit muet à tes genoux !

Ciel! Amor! Liberté! Quel rêve, ô pauvre folle !
Tu te fondais à lui comme une neige au feu :
Tes grandes visions étrangeaient ta parole
– Et l'infini terrible égara ton oeil bleu !

III

– Et le poète dit qu'aux rayons des étoiles
Tu viens chercher, la nuit, les fleurs que tu cueillis,
Et qu'il a vu sur l'eau, couchée en ses longs voiles,
La blanche Ophélie flotter, comme un grand lys.

– Ouve-se nos bosques distantes os sons de caça.

Há mais de mil anos que a triste Ofélia
Passa, fantasma branco, pelo longo rio escuro;
Há mais de mil anos que sua doce loucura
Murmura sua canção à brisa da noite.

O vento beija seus seios e desdobra em corola
Seus grandes véus balançados suavemente pelas águas;
Os salgueiros trêmulos choram sobre seu ombro,
Sobre sua grande frente sonhadora inclinam-se os juncos.

Os nenúfares amassados suspiram ao seu redor;
Ela às vezes desperta, em um freixo adormecido,
Algum ninho, de onde escapa um pequeno arrepio de asa:
– Um canto misterioso desce dos astros de ouro.

II

Ó pálida Ofélia! Bela como a neve!
Sim, morreste, criança, levada por um rio!
– É que os ventos descendo das grandes montanhas da
Noruega
– Haviam te falado baixinho da áspera liberdade;

É que um sopro, torcendo teus grandes cabelos,
Ao teu espírito sonhador trazia estranhos ruídos;
Que teu coração ouvia o canto da Natureza
Nos lamentos da árvore e nos suspiros das noites;

É que a voz dos mares loucos, imenso lamento,
Quebrava teu peito de criança, demasiado humano e
demasiado suave;
É que uma manhã de abril, um belo cavaleiro pálido,
Um pobre louco, sentou-se mudo a teus pés!

Céu! Amor! Liberdade! Que sonho, ó pobre louca!
Tu te derretias a ele como neve ao fogo:
– Tuas grandes visões estrangulavam tua fala
– E o infinito terrível assustava teu olho azul!

III

– E o poeta diz que aos raios das estrelas
Vens buscar, à noite, as flores que colheste,
E que ele viu sobre a água, deitada em seus longos véus,
A branca Ofélia flutuar, como um grande lírio.
(Tradução Nossa)⁷

⁷ Optamos por realizar uma tradução própria do poema de Rimbaud por várias razões: (1) proporcionar uma nova perspectiva da obra, alinhada a uma linguagem e sensibilidade mais contemporâneas; (2) alinhar a tradução mais diretamente aos argumentos e temas deste estudo; (3) engajar o público leitor em uma reflexão através do contraste de traduções; (4) reconhecemos o valor de traduções fieis a obra como a tradução de Jorge Wanderley, mas buscando oferecer uma alternativa complementar; e (5) explorar um equilíbrio entre fidelidade ao original e liberdade criativa para melhor comunicação com nosso público leitor.

Na primeira parte, Rimbaud estabelece uma atmosfera etérea, quase mística. A natureza não é apenas um pano de fundo, mas um participante ativo na tragédia de Ofélia. Elementos como a "*onde calme et noire*" ("onda calma e escura"), as "*étoiles*" ("estrelas"), os "*bois lointains*" ("bosques distantes"), a "*brise du soir*" ("brisa da noite"), os "*saules frissonnants*" ("salgueiros trêmulos"), os "*roseaux*" ("juncos"), os "*nénuphars froissés*" ("lírios d'água amassados") e o "*aune qui dort*" ("álamo adormecido") convergem para criar uma cena que é ao mesmo tempo bela e melancólica. A natureza aqui não é apenas passiva; ela responde e reflete a tragédia de Ofélia, tornando-se quase uma testemunha ocular.

Em seguida, Rimbaud aprofunda na segunda parte, a complexidade da personagem de Ofélia, situando-a em um limiar entre o humano e o divino, ou o sobre-humano. Esta Ofélia não é apenas a jovem trágica de Shakespeare, mas uma entidade quase mítica, cuja tragédia ressoa em um nível cósmico. Através da descrição de Ofélia como "*pâle*" (pálida) e "*belle comme la neige*" (bela como a neve), Rimbaud pinta uma imagem um ser celestial, quase sobrenatural. O "*fleuve*" (rio) que a levou embora não é apenas um rio, mas um agente do destino, uma força da natureza que a transporta para o reino do sobre-humano. Ao mencionar os "*vents*" (ventos) que sussurram para ela sobre a "*l'âpre liberté*" (áspera liberdade), Rimbaud sugere influências e forças que vão além do mundano, ampliando a tragédia de Ofélia a proporções épicas.

Por fim, na terceira e última parte, Rimbaud se posiciona como observador, contemplando Ofélia não apenas como uma figura trágica, mas como uma musa. A descrição de Ofélia flutuando na água, evocativa de uma pintura, ressalta a ideia do "pictórico". Neste contexto, a noção de Heinrich Wölfflin sobre o que é "pictórico" se torna especialmente relevante. Segundo Wölfflin (1989, p. 40), "o 'pictórico' é aquilo que faz um quadro, o que, sem que seja preciso acrescentar coisa alguma, oferece um modelo ao pintor". Rimbaud presenteia o leitor com uma imagem de Ofélia e através de sua linguagem lírica, transforma a tragédia de shakespeariana em arte, demonstrando o poder da poesia de capturar e eternizar momentos efêmeros de beleza e tristeza.

O poema "Ofélia" de Rimbaud, frequentemente considerado uma das mais célebres composições em língua francesa, é um reflexo da fase inicial e exploratória do poeta. Ao analisar a obra, percebe-se que Rimbaud, na época de sua composição, ainda estava buscando sua verdadeira voz poética. Segundo Lagarde (1985), o simbolismo utilizado por ele ainda estava enraizado nas tradições românticas.

Sem dúvida, RIMBAUD ainda não era ele mesmo quando compôs este poema: o símbolo permanece romântico, a maneira é inspirada na dos pintores pré-rafaelitas ingleses, e a graça melódica do ritmo e da evocação antecipa mais o simbolismo languido de um Albert Samain do que as visões fulgurantes de "Bateau ivre". No entanto, o poeta parece antever o que em breve se tornará e prevê o desalento trágico que resultará de sua experiência como vidente⁸. (Tradução nossa)

É possível dizer que sua abordagem rimbaudiana evoca os estilos dos pintores pré-rafaelitas ingleses. No entanto, mesmo neste estágio inicial, Rimbaud parecia antecipar sua futura evolução como poeta, com indícios do desespero trágico e da visão profética que viriam a caracterizar suas obras posteriores. Embora "Ofélia" possa refletir uma Rimbaud mais jovem e menos desenvolvido, o poema também serve como prenúncio do gênio que emergiria em sua maturidade literária.

Após a imersão na visão lírica de Rimbaud sobre Ofélia, é essencial voltar nossa atenção para outra interpretação poética da mesma figura trágica, desta vez pelas mãos de Anne Perrier. Enquanto Rimbaud nos oferece uma Ofélia quase mítica, imersa em elementos naturais e elevada ao reino do sobre-humano, Perrier traz sua própria perspectiva única sobre a personagem.

A transição de um poeta para o outro nos permite não apenas apreciar a diversidade de interpretações, mas também compreender as nuances e complexidades que a figura de Ofélia inspirou ao longo dos anos na literatura de expressão francesa. Vamos, então, explorar a visão de Perrier e descobrir como ela reinventa e reimagina a trágica heroína de Shakespeare em seu próprio contexto poético

4.2 *Le livre d'Ophélie* de Anne Perrier

Dada a extensão e a riqueza do "*Le livre d'Ophélie*" de Anne Perrier, torna-se essencial delimitar nossa análise para assegurar uma compreensão aprofundada. O livro, dividido em quatro segmentos distintos: "*Prière*", "*Heures*", "*Adieu*" e "*Épitaphe*", nos levou a focar principalmente nas duas últimas seções. Apesar de serem mais concisas em termos de versos, elas carregam uma densidade significativa e uma forte ressonância emocional. Desafiando a perspectiva de

⁸ Sans doute RIMBAUD n'est pas encore lui-même lorsqu'il compose ce poème : le symbole reste romantique, la manière est inspirée de celle des peintres préraphaélites anglais et la grâce mélodieuse du rythme et l'évocation annonce plutôt le symbolisme languissant d'un Albert Samain que les visions fulgurantes de Bateau ivre. Pourtant le poète semble deviner ce qu'il sera bientôt et prévoir de désarroi tragique auquel aboutira son expérience de voyant. (LAGARDE ; MICHARD, 2015, p.63)

Bachelard, que argumentava que as mulheres não foram influenciadas pelo Complexo de Ofélia, Baude (2004, p.58) salienta que Perrier transcende essa visão, conferindo voz e profundidade emocional à figura shakespeariana de Ofélia.

A presença de paisagens reminiscentes da Grécia antiga e a evocação da graciosidade dos dias servem como pano de fundo para a narrativa. No entanto, o que realmente captura nosso interesse e guiará nossa análise é a representação dos sentimentos tumultuados de Ofélia, que culminam em seu trágico fim. Esta escolha nos permite mergulhar nas emoções mais profundas e nas reflexões introspectivas da personagem, oferecendo uma visão íntima de sua psique antes do desenlace final.

Adieu	Adeus
Vents de passage Et mon repos du long drap bleu De L'été	Ventos de passagem E meu repouso do longo lençol azul Do verão.
Liberté	Liberdade
Pourquoi marcher toujours Entre les murs d'une saison La rose penchée hors du temps Sent si bon Adieu ! Si le merle en passant Frappa à ma porte Dites que je suis morte D'avoir fait éclater dans mon chant La grenade du jour	Por que caminhar sempre Entre os muros de uma estação A rosa inclinada fora do tempo Cheira tão bem Adeus! Se o melro, passando Bater à minha porta Digam que morri De ter feito explodir em meu canto A granada do dia
Je regarde encore une fois La haute rose Pensant que s'éloigne de moi Le bruit des choses Qu'ils sont beaux les derniers appels de la vie	Olho mais uma vez A alta rosa Pensando que se afasta de mim O ruído das coisas Quão belos são os últimos chamados da vida
Adieu	Adeus
Je meurs d'une chute infinie Dans l'eau du ciel Ce dernier chant Ô mes oiseaux mes fontaines M'arrachera les veines Et le sang	Morro de uma queda infinita Na água do céu Este último canto Ó meus pássaros minhas fontes Me arrancará as veias E o sangue
Peut-être ailleurs Recommencer Trois oliviers Couronnés d'air Et d'étourneaux Le long balancement des mers	Talvez em outro lugar Recomeçar Três oliveiras Coroadas de ar E de estorninhos O longo balanço dos mares

L'heure
Pour des levers royaux
Parée

A hora
Para alvoreceres reais
Adornada

Les fleurs
Mêmes perdues sous la neige
Et brisée
Sans les feux les parfums
Qui affolent l'abeille

As flores
Mesmo perdidas sob a neve
E quebradas
Sem os fogos os perfumes
Que enlouquecem a abelha

Les fleurs sont lumières

As flores são luzes

Mornes flûtes
Quand reviendrons sur terre les rossignols
Et le vent doré des lucioles

Flautas sombrias
Quando retornarão à terra os rouxinóis
E o vento dourado das vaga-lumes

Les feuilles de mon arbre
Seront tombées

As folhas da minha árvore
Terão caído

Dans les ombres de mon jardin
J'ai semé la beauté
Quelqu'un tout à côté
S'en vint
Semer la mort
Et moi sans fin
J'entends sous terre chuchoter
Qui de nous sortira d'abord

Nas sombras do meu jardim
Semei a beleza
Alguém, bem ao lado
Veio
Semear a morte
E eu sem fim
Ouço sob a terra sussurrar
Quem de nós sairá primeiro

Poésie ombre absoute

Poesia sombra absolvida

Du beau mensonge aussi
Qui fut mon compagnon de route
J'ai pris congé

Do belo engano também
Que foi meu companheiro de caminho
Despedi-me

Que la dernière abeille plie ses ailes
Les mots ne reflouriront plus ici
Et pourtant la prairie fut si belle
Sans bruit
On a séché le puis
Aux voyelles

Que a última abelha feche suas asas
As palavras não florescerão mais aqui
E ainda o campo foi tão belo
Em silêncio
Secaram o poço
Das vogais

Le merle est pris
Ce n'est pas lui
Qui clamera sur les murailles
Le retour des primevères
Au cœur du jour il se débat
Personne pour couper les mailles
De son enfer

O melro está preso
Não é ele
Que anunciará nas muralhas
O retorno das primaveras
No coração do dia ele se debate
Ninguém para cortar as malhas
De seu inferno

Et si les primevères aussi
Ne revenaient pas

E se as primaveras também
Não voltassem

Ô l'ineffable errance
Je passerai sous les merles tranquilles
Je cueillerai les fleurs
Absolues du silence

Ah a inefável errância
Passarei sob os melros tranquilos
Colherei as flores
Absolutas do silêncio

Je lirai l'heure
À l'horloge immobile
De la perpétuelle enfance

Mourir en douce
Sans avoir dit un mot
De trop
Sans que l'âme éclabousse
La rue
Quitter la vie
Comme un fleuve ingénu
Remonterait sans bruit
Vers sa source

Qu'un saule blanc soit mon linceul
Un saule la trame dorée
Des phalènes d'été
Sur ma plainte qui s'en va seule
À la rencontre des oiseaux
Immémoriaux

Cette lumière au bout du champ
Serait-ce l'ombre ardente
D'une main qui se tend
Ah ! que m'aspire me déchire
L'océan
Qui peut me retenir
Quelle voix dans le vent
Pourrait couvrir l'appel du goëland

Pour mon trépas
Ô deuil le temps a retiré
Sa couronne d'oiseaux

Où je serai
Ne seront avec moi que les voix
Monacales des eaux

Sous les cendres de mon jardin
Mettons en terre le mal le bien
Désormais frères qu'ils reposent
Cœur diamantin
Le reste secret des roses

Maintenant qu'on me laisse partir
Menthe glacée
Mangue dorée
Qu'on me laisse tomber
Dans la profonde éternité
De saphir

Comme les voyageurs s'en vont
Pour ne plus revenir
Comme les papillons
Regagnent pour mourir
Les grands vergers mûrs des étoiles

Lerei a hora
No relógio imóvel
Da eterna infância

Morrer suavemente
Sem dizer uma palavra
A mais
Sem que a alma respingue
Na rua
Deixar a vida
Como um rio ingênuo
Subiria em silêncio
Para sua fonte

Que um salgueiro branco seja meu sudário
Um salgueiro a trama dourada
Das mariposas de verão
Sobre meu lamento que vai sozinho
Ao encontro dos pássaros
Imemoriais

Essa luz no fim do campo
Seria a sombra ardente
De uma mão que se estende
Ah que me aspire me rasgue
O oceano
Quem pode me reter
Que voz no vento
Poderia cobrir o chamado da gaivota

Para minha morte
Oh luto, o tempo retirou
Sua coroa de pássaros

Onde eu estarei
Só estarão comigo as vozes
Monásticas das águas

Sob as cinzas do meu jardim
Vamos enterrar o mal e o bem
Agora irmãos, que descansem
Coração diamantino
O resto secreto das rosas

Agora que me deixem partir
Menta gelada
Manga dourada
Que me deixem cair
Na profunda eternidade
De safira

Como os viajantes partem
Para nunca mais voltar
Como as borboletas
Retornam para morrer
Nos vastos pomares maduros das estrelas

Je pars vers le flamboyant rien
Vos chants ne m'auront pas trompée
Oiseaux vous seuls
Merci de m'avoir entraînée
Trop loin

Le jour se tait dans les roselières
Le temps clapote j'erre
Autour de mon bel adieu
Un oiseau pâle aux cieux
Hâte son vol
Sur les eaux noires les lucioles
Mettent la mort à feu

Épitaphe

Jardins de la douleur
Saignez loin de ma tombe
Ici tout n'est qu'ombre et splendeur
Et gorge de colombe
Elle dort Ophélie
Au fond des marbres verts
De l'or plein les pupilles
Et dans son cœur la mer

Eu parto em direção ao brilhante nada
Seus cantos não me enganaram
Pássaros, vocês sozinhos
Obrigada por me levarem
Longe demais

O dia se silencia nas roseiras
O tempo bate, eu vagueio
Em torno do meu belo adeus
Um pássaro pálido no céu
Acelera seu voo
Sobre as águas negras, os vaga-lumes
Põem a morte em chamas

Epitáfio

Jardins da dor
Sangrem longe do meu túmulo
Aqui tudo é apenas sombra e esplendor
E garganta de pomba
Ela dorme Ofélia
No fundo dos mármorees verdes
Ouro cheio nas pupilas
E no seu coração o mar
(Tradução nossa)

Em "*Le livre d'Ophélie*", Anne Perrier nos oferece uma visão renovada e profunda de Ofélia, uma figura que, embora enraizada em sua tragédia original, transcende para se tornar um símbolo da interação entre o humano, a natureza e o divino. A natureza, em particular, não é apenas um cenário para a história de Ofélia; ela é um reflexo vivo de sua alma. Segundo Baude (2004):

Anne Perrier se posiciona de forma diferente em relação à "triste Ofélia"; ela não a recria de fora, por meio da representação de uma feminilidade salva e sublimada à perfeição pela morte. Ao contrário, ela a despoja de todos os seus adornos: véus, uma coroa de flores; as flores não têm mais um valor ornamental, mas são presenças reais, amigas, assim como o salgueiro que pertence à decoração shakespeariana. ⁹ (Tradução nossa)

Cada vento que passa, cada menção ao verão efêmero, serve como um lembrete da transitoriedade da vida e da inevitabilidade da morte. A natureza, com sua constante mudança e evolução, torna-se um espelho da própria existência de Ofélia. A ambiguidade da vida e da morte

⁹ Anne Perrier se situe différemment par rapport à la « triste Ophélie » ; elle ne la recrée pas de l'extérieur, à travers la représentation d'une féminité sauvegardée et sublimée jusqu'à la perfection par la mort. Au contraire elle la dépouille de toutes ses parures : voiles, couronne de fleurs ; les fleurs alors n'ont plus une valeur ornementale mais constituent de véridiques présences, des amies, de même que le saule qui appartient au décor shakespearien. (BAUDE, 2004, p.59)

é um tema recorrente na obra de Perrier. A morte, em sua poesia, não é o fim, mas uma transição, uma queda infinita no vasto oceano do céu.

Em "*Adieu*", Perrier apresenta uma Ofélia que, embora esteja se despedindo, faz isso com uma profundidade de emoção e uma conexão com a natureza que é palpável. Ela escreve: "*Je meurs d'une chute infinie / Dans l'eau du ciel*" (Eu morro de uma queda infinita / Na água do céu), sugerindo a ideia de uma transição, não um fim definitivo. A menção à natureza é constante, como em "*Le jour se tait dans les roseières*" (O dia silencia nas roseiras), onde a natureza reflete o estado emocional de Ofélia.

O desejo de uma morte serena e discreta é ainda mais acentuado por "*Sans que l'âme éclabousse / La rue*" (Sem que a alma respingue / Na rua). Aqui, a alma é retratada como um líquido que poderia respingar ou derramar, talvez sugerindo a efusão de emoções ou a própria essência da vida. No entanto, a morte desejada é aquela que não perturba ou deixa marcas visíveis no mundo físico, uma transição silenciosa e imperceptível.

A metáfora do rio em "*Comme un fleuve ingénu / Remonterait sans bruit / Vers sa source*" (Como um rio ingênuo / Retornaria silenciosamente / À sua fonte) é especialmente poderosa. Rios, em muitas culturas e literaturas, simbolizam a vida e a passagem do tempo. Aqui, o rio não flui para o mar, mas, de forma contraintuitiva, retorna à sua fonte. Podemos interpretar esta ideia, na qual a morte não é o fim, mas um retorno à origem de tudo.

A relação de Ofélia com a natureza é ainda mais evidente em versos como "*Les fleurs / Mêmes perdues sous la neige / Et brisée / Sans les feux les parfums / Qui affolent l'abeille / Les fleurs sont lumières*" (As flores / Mesmo perdidas sob a neve / E quebradas / Sem os fogos e perfumes / Que enlouquecem a abelha / As flores são luzes). Aqui, a natureza não é apenas um pano de fundo, mas um reflexo da alma de Ofélia, ressoando com sua quietude e introspecção. Mais do que isso, Perrier dá vida à natureza. Ela não é apenas um espectador passivo, mas um participante ativo na narrativa.

No desfecho "*Épitaphe*" de Anne Perrier, a poeta nos oferece uma visão reconfortante e serena do destino de Ofélia. A frase "*Au fond des marbres verts*" (no fundo dos mármore verdes) sugere que Ofélia encontrou um lugar de descanso final, protegida e abraçada pela natureza. Este repouso sob a grama verde indica uma união final com a terra, um retorno ao ciclo natural da vida e da morte. Os versos "*Jardins de la douleur / Saignez loin de ma tombe*" (Jardins da dor / Sangrem longe do meu túmulo) expressam um desejo de distância das agonias e tormentos passados. Há

uma clara separação entre o sofrimento que Ofélia experimentou em vida e a paz que ela agora encontra na morte.

5 Diálogos entre Rimbaud e Perrier

Ao explorar as representações individuais de Rimbaud e Perrier, é imperativo colocar essas duas visões em diálogo. Embora separados por mais de um século, ambos os poetas abordaram Ofélia com uma profundidade que transcende o tempo, cada um oferecendo uma lente única através da qual podemos examinar a enigmática heroína. Ao comparar e contrastar suas representações, somos convidados a mergulhar nas nuances e complexidades de Ofélia, revelando a maneira como diferentes contextos e sensibilidades literárias podem reinterpretar e reimaginar uma figura tão icônica.

Ambos os poemas apresentam uma estrutura que parece representar os atos de uma peça teatral, evocando assim a origem dramática de Ofélia em "Hamlet" de Shakespeare. O poema de Rimbaud está dividido em três partes, enquanto o de Perrier em quatro e que devido a extensão trabalharemos apenas os dois últimos. Os textos podem ser analisados nas mais variadas perspectivas, no entanto escolhemos comparar três pontos centrais que se entrelaçam entre os dois poemas: a água, os elementos da natureza e os sentimentos de Ofélia. Estes temas são abordados de maneiras distintas pelos dois poetas, refletindo assim percepções individuais e os contextos em que escreveram.

5.1 A água

Ao nos debruçarmos no primeiro ponto, nos aproximamos de um elemento que está presente em todos os poemas relacionados a Ofélia: a água. Ela é um símbolo poderoso na literatura, representando tanto a vida quanto a morte, a transformação e a permanência. No poema de Rimbaud, a água assume um papel central na representação de Ofélia, servindo como um espelho para sua tragédia. Escolhemos alguns trechos de cada parte do poema para ilustrar o papel do elemento no texto.

Na primeira parte nos versos iniciais *Sur l'onde calme et noire où dormente les étoiles/La blanche Ophélie flotte comme un grand lys* (Sobre a onda calma e escura onde dormem as

estrelas/A branca Ofélia flutua como um grande lírio), temos a imagem de águas tranquilas, porém sombrias, é uma representação poética da dualidade da vida e da morte. Rimbaud compara Ofélia a um lírio, uma flor frequentemente associada à pureza. A serenidade da água ("calme") contrasta com sua escuridão ("*noire*"), sugerindo que, sob sua superfície calma, esconde-se um abismo de mistério e de perigo. A escuridão do rio pode simbolizar o desconhecido, o inexplorado e, no contexto da morte de Ofélia, o inevitável. O rio, em sua escuridão, torna-se o local final de Ofélia, engolindo sua juventude

Nos versos iniciais da segunda temos "*Oui tu mourus, enfant, par un fleuve emporté*" (Sim, morreste, criança, por um rio levada!) é uma afirmação direta e poética da morte de Ofélia pelo rio. Nesta parte somos reportados diretamente as palavras finais da rainha Gertrudes ao informar a Laertes o triste fim de Ofélia: que a tornou um "cadáver levado pela corrente".

Nos versos finais da terceira parte, o poeta expressa seu fascínio por Ofélia, "*Et le poète dit qu'aux rayons des étoiles/Tu viens chercher, la nuit, les fleurs que tu cueillis/Et qu'il a vu sur l'eau, couchée en ses longs voiles*" (E o poeta diz que aos raios das estrelas/Vens buscar, à noite, as flores que colheste/E que ele viu sobre a água, deitada em seus longos véus). Rimbaud, a imagem de Ofélia retornando à noite para buscar flores sob a luz das estrelas evoca uma espécie de ciclo eterno, uma repetição que serve para imortalizar a personagem. Esta representação, com seus cabelos flutuando na água, remete fortemente às pinturas do movimento pré-rafaelita, onde Ofélia é frequentemente retratada em meio à natureza com uma aura de tragédia e beleza. Mesmo após sua morte trágica, Ofélia continua a existir e interagir com o mundo, ainda que de uma forma espectral ou simbólica.

Em contraste, nos versos iniciais da terceira parte de "*Le livre d'Ophélie*" de Anne Perrier, a poetisa nos apresenta uma Ofélia em sintonia com a natureza, antecipando sua iminente despedida. "*Vents de passage*" (Ventos de passagem) evoca a efemeridade da vida, com o vento servindo como metáfora para a transitoriedade e a inevitabilidade da mudança. "*Et mon repos du long drap bleu*" (E meu descanso no longo lençol azul) sugere uma Ofélia envolta em um manto celestial, possivelmente aceitando serenamente sua morte, com o azul representando tanto o céu quanto a água, ambos símbolos de transcendência e descanso. Finalmente, "*De L'été*" (Do verão) posiciona esta cena no auge do verão, uma estação associada à plenitude e vitalidade, estabelecendo um contraste poético entre o vigor do ambiente e a partida iminente de Ofélia.

Em “*Le livre d’Ophélie*”, Anne Perrier oferece uma perspectiva íntima de Ofélia. A água é central na obra e é simbólica, especialmente na seção “*Adieu*”, onde é descrita como “*l’eau du ciel*” (a água do céu). Isso sugere uma conexão entre o terreno e o divino. Em Perrier, a água não é apenas um elemento físico, mas simboliza transição, renovação e, possivelmente, renascimento. A ideia de Ofélia morrendo de “uma queda infinita” nessa água sugere que a morte não é um fim, mas uma continuação, uma passagem para outra forma de existência. A água, neste contexto, torna-se um portal ou um meio de transição entre a vida e a morte, entre o humano e o divino.

No trecho subsequente de Anne Perrier, a poetisa nos oferece uma visão contemplativa da transição de Ofélia entre a vida e a morte. “*Quitter la vie*” (Deixar a vida) é uma expressão direta que sugere uma aceitação tranquila do fim. A vida é comparada a “*un fleuve ingénu*” (um rio ingênuo), indicando que, assim como um rio, a vida tem seu curso natural, fluindo em direção a um destino inevitável. A imagem do rio que “*Remonterait sans bruit/Vers sa source*” (Retornaria silenciosamente à sua fonte) é poderosa, evocando a ideia de Ofélia retornando à origem, seja ela a natureza, o divino ou o cosmos. Este retorno silencioso é repleto de serenidade, sugerindo uma transição pacífica da existência terrena para algo mais etéreo. Perrier, através desta metáfora, não apenas destaca a tragédia da jovem Ofélia, mas também a eleva, insinuando que na morte, ela está simplesmente regressando ao início de tudo.

Nos versos finais que antecedem o epitáfio em “*Adieu*”, Anne Perrier nos presenteia com uma visão poética rica e contrastante. “*Sur les eaux noires les lucioles*” (Sobre as águas escuras, as vaga-lumes) conjuga a escuridão misteriosa e profunda das águas com a efêmera luminosidade das vaga-lumes. As águas escuras que podem simbolizar o desconhecido, a profundidade da morte, enquanto as vaga-lumes, com sua luz intermitente, representam momentos fugazes de vida e esperança. O verso “*Mettent la mort à feu*” (Colocam a morte em chamas) é particularmente impactante. Aqui, a morte, frequentemente associada ao frio e ao definitivo, é retratada em chamas, sugerindo uma possível transformação. Além disso, o fogo também é uma fonte de luz e calor. Ao associar a morte ao fogo, Perrier pode estar sugerindo que há uma luz ou calor inerente mesmo na morte, uma centelha de vida ou essência que persiste. Além disso, a água em Perrier também reflete a psique tumultuada de Ofélia.

5.2 Elementos da Natureza

Arthur Rimbaud, em sua poesia, frequentemente utiliza a natureza como um reflexo das emoções humanas e do estado da alma. Em sua representação de Ofélia, a natureza não é apenas um pano de fundo, mas um elemento ativo que interage com a personagem e amplifica seu drama. No poema "*Ophélie*", a descrição da natureza sugere um cenário de inverno ou de um período mais frio e sombrio. Isso é evidente através de várias indicações. Águas escuras e calmas: A água é frequentemente descrita como "*calme et noire*" (calma e escura) ou "*fleuve noir*" (rio negro). Estas descrições evocam um rio que flui lentamente, talvez gelado ou frio, e que reflete pouco da luz do sol, sugerindo dias nublados ou curtos típicos do inverno.

A repetida referência à palidez de Ofélia ("*la blanche Ophélie*") pode ser vista não apenas como uma indicação de sua morte, mas também como um reflexo do ambiente frio e descolorido ao seu redor. A natureza ao redor de Ofélia é frequentemente descrita de forma estática e silenciosa, como se estivesse em um estado de hibernação ou espera, típico das paisagens inverniais.

A abordagem de Rimbaud à natureza em "*Ophélie*" é melancólica e introspectiva. A natureza não é apenas um cenário, mas um reflexo do estado emocional e psicológico de Ofélia. O inverno, com sua quietude, frieza e escuridão, serve como um espelho perfeito para a tragédia de Ofélia, amplificando sua solidão, desespero e eventual transcendência.

Esta dualidade entre a palidez fúnebre de Ofélia e a escuridão da natureza circundante é remanescente da observação de Wöllflin (1989, p.41) sobre o contraste entre o claro e escuro, "não só o detalhe, mas toda a composição se estrutura segundo massas em claro e escuro, grupos inteiros são unificados e opostos uns aos outros por um matiz de luz". Rimbaud utiliza este contraste para enfatizar a tragédia de Ofélia, tornando sua figura ainda mais destacada e etérea contra o pano de fundo sombrio da natureza.

Para Anne Perrier, a natureza não é apenas um cenário, mas um elemento pulsante e vital que se entrelaça com a experiência e a percepção de Ofélia. Esta representação da natureza tem ecos das descrições shakespearianas em "*Hamlet*", mas Perrier traz sua própria interpretação única. A referência a *l'eau du ciel* (a água do céu) e *les eaux noires* (águas negras) remete à cena em "*Hamlet*" onde Ofélia se afoga. A água, em ambas as obras, é um símbolo de morte, mas também de transcendência e renovação.

O *saule blanc* (salgueiro branco) mencionado por Perrier é uma alusão direta ao "salgueiro" de Shakespeare, sob o qual Ofélia é encontrada após sua morte. *Les fleurs*,

especialmente “*la rose*” (a rosa), são elementos presentes tanto em “Hamlet” quanto no poema de Perrier. Em “Hamlet”, Ofélia distribui flores, enquanto em Perrier, as flores representam a efemeridade da vida e a beleza transitória. A menção aos *oiseaux* (pássaros) e, em particular, ao *merle* (melro) pode ser interpretada como uma alusão ao canto de Ofélia em “Hamlet”, refletindo sua deterioração mental.

O que distingue a interpretação de Perrier é a maneira como Ofélia é retratada como uma observadora atenta da natureza. Ela não é apenas uma figura passiva, mas uma entidade que se engaja com o ambiente. Ela observa, reflete e se conecta profundamente com a natureza, desde o *jour* (dia) e suas transformações, até os detalhes mais delicados, como o *vol* (voo) de um pássaro ou o aroma de uma flor.

Esta perspectiva observadora dá a Ofélia uma profundidade e uma presença que vão além da mera tragédia, tornando-a uma figura contemplativa e introspectiva. Em sua representação poética de Ofélia, Anne Perrier faz referências a “Hamlet”, mas também traz sua própria visão e interpretação. A Ofélia de Perrier é uma figura que observa e se conecta profundamente com a natureza, tornando-se uma extensão de sua alma e emoções.

5.3 Sentimentos de Ofélia

A representação dos sentimentos de Ofélia por Rimbaud e Perrier é distintamente diferente em suas abordagens e nuances. Rimbaud, ao retratar Ofélia, faz isso como se estivesse descrevendo uma cena de um quadro. Ele a visualiza de uma perspectiva distante, como um observador que contempla uma pintura. Ofélia, em sua descrição, torna-se parte integrante da paisagem, uma figura que se mistura e se funde com os elementos naturais que a cercam. Esta abordagem, embora rica em detalhes visuais, pode parecer que ela é desprovida de sua própria agência e emoção, tornando-a mais uma figura estética do que uma entidade viva e respiratória.

Por outro lado, Perrier nos oferece uma Ofélia mais introspectiva e emocionalmente complexa. Ela não é apenas uma figura que se destaca na paisagem, mas uma entidade que sente, interage e responde ao mundo ao seu redor. Esta Ofélia é profundamente consciente de sua conexão com a natureza, mas também de sua própria interioridade e emoções. Perrier oferece uma visão mais pessoal e íntima de Ofélia. A menção aos “jardins da dor” (*jardins de la douleur*) sugere a profundidade do sofrimento interno de Ofélia. A imagem de Ofélia repousando “no fundo

dos mármores verdes" (*au fond des marbres verts*) evoca uma sensação de paz e eternidade, mas também é uma clara referência à sua sepultura, sugerindo que ela encontrou repouso final na natureza que tanto amava.

Enquanto Rimbaud descreve Ofélia como alguém que observa uma paisagem de um quadro, destacando sua estética e beleza, Perrier nos oferece uma visão mais íntima, revelando a profunda interação emocional de Ofélia com a natureza. Essas abordagens distintas não apenas ilustram as inclinações particulares de cada poeta, mas também refletem os diferentes contextos e épocas em que suas obras foram concebidas.

Reflexões finais sobre Ofélia

A morte de Ofélia permanece como uma das grandes incógnitas da literatura. A ambiguidade em torno de seu desfecho, seja por um trágico acidente ou por um ato deliberado de suicídio, tem sido fonte de fascínio e especulação por gerações. Esta incerteza, em muitos aspectos, amplifica o enigma que é Ofélia, tornando-a uma figura etérea que flutua entre a realidade e o mito. A água, elemento central em sua morte, é frequentemente associada a sonhos, imaginação e ao subconsciente, como explorado filosoficamente por Bachelard. No entanto, Bachelard, em sua análise, parece ter uma interpretação inicialmente equivocada de Ofélia, sugerindo que ela é uma figura que gosta de sofrer, chegando a rotulá-la como masoquista.

Ao considerarmos a obra de Anne Perrier, é tentador especular até que ponto a paisagem de sua cidade natal, Lausanne, e as águas do Lago Léman, influenciaram sua interpretação de Ofélia. As águas, com sua capacidade de refletir, distorcer e, finalmente, engolir, podem ser vistas como um espelho da própria Ofélia - uma figura que é ao mesmo tempo clara e enigmática, presente e distante. Em comparação com Rimbaud, onde a água é um local sombrio e trágico, em Perrier, a água é um elemento de transformação e introspecção. Enquanto Rimbaud se concentra na tragédia da morte de Ofélia na água, Perrier se concentra na introspecção e na transformação de Ofélia através da água.

A figura de Ofélia se destaca como uma representação da fragilidade e complexidade da condição humana. Sua imagem, muitas vezes retratada com cabelos flutuantes e vestes esvoaçantes, é um lembrete da efemeridade da vida e da inevitabilidade da morte. No entanto, mais do que uma figura trágica, Ofélia também simboliza a resistência e a resiliência do espírito

humano. Mesmo em sua morte, ela desafia as convenções e se torna uma força da natureza, imortalizada na literatura e na arte.

Ambos os poetas, Rimbaud e Perrier, ao abordar Ofélia, não se limitam a retratar sua tragédia, mas também reinterpretam o drama shakespeariano, conferindo-lhe uma eternidade. Este estudo, ao explorar as representações de Ofélia por Rimbaud e Perrier, abre um vasto campo de interpretações. A complexidade da personagem e as nuances de sua representação em diferentes contextos literários convidam a uma contínua reflexão e reinterpretação.

É importante ressaltar que este artigo representa uma abordagem inicial sobre as representações de Ofélia por Rimbaud e Perrier. Embora tenhamos explorado diversas facetas e interpretações, reconhecemos que há uma vastidão de nuances e perspectivas que podem ser aprofundadas em futuras investigações. Este trabalho serve como um panorama inicial, estabelecendo um ponto de partida para discussões mais detalhadas e especializadas sobre o tema. A figura de Ofélia, assim, permanece não apenas como um ícone da literatura, mas também como um convite à contínua exploração e descoberta.

A representação de Ofélia, seja por Rimbaud ou Perrier, nos convida a mergulhar nas profundezas da condição humana, a questionar a natureza da realidade e a refletir sobre os mistérios da vida e da morte. Através de suas palavras, somos levados a um espaço onde a beleza e a tragédia coexistem, e onde a linha entre o real e o imaginário é maravilhosamente tênue.

CRedit
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.
Contribuições dos autores: JOCHIMSEN, Paola Karyne Azevedo.

Referências

BACHELARD, Gaston. O Completo de Ofélia. In: *A água e os sonhos*. São Paulo : Martins Fontes, 1997.

BANVILLE, Théodore de. A Henry Murger. In : *Odelette*. Paris: M. Lévy, 1856. Disponível em:

<https://archive.org/details/odelettes00banv/page/12/mode/2up> Acesso em: 15 jan. 2023

BAUDE, Jeanne-Marie. *Anne Perrier*. Paris : Seghers, 2004.

DELORME, Françoise. Anne Perrier: Das Gedicht, genau zwischen Freude und Schmerz. In: *Viceversa Literatur*. Zürich: Rotpunkt Verlag, 2013.

HEYSER, Friedrich Wilhelm Theodor. *Ophelia* (1900). Pintura. óleo sobre tela. Disponível em: <https://www.neumeister.com/kunstwerksuche/kunstdatenbank/ergebnis/651-155/Friedrich%2BWilhelm%2BTheodor-Heyser/> Acesso em: 20 fev. 2023

HUGHES, Arthur. *Ophelia* (1865), Pintura. óleo sobre tela. Disponível em: <http://emuseum.toledomuseum.org/objects/55107> Acesso em 23 maio 2023

JAKUBEC, Doris. Anne Perrier. In: *Histoire de la littérature en Suisse romande*. Genève : Édition Zoé, 2015.

LAGARDE, André ; MICHARD, Laurent. *XIXe Siècle*. Paris : Bordas, 1985.

PERRIER, Anne. *Le Livre d'Ophélie*. Genève : Édition Zoé, 2018.

RIMBAUD, Arthur. *Poésie complètes* (1870-1972). Paris : Le livre de Poche, 2022.

RODRIGUEZ, Antonio; FALCONNIER, Isabelle. *Le poème et le territoire : Promenades littéraires en Suisse Romande*. Lausanne : Les Éditions Noir sur Blanc, 2019.

SHAKEASPEARE, William. *Hamlet*. Ebook. Lisboa: Projecto Adamastor, 2015. Disponível em: <https://projectoadamastor.org/hamlet-william-shakespeare/> Acesso em: 15 jan. 2023

WANDERLEY, Jorge. Ophélie/Ofélia. In: *Folha de São Paulo (Acervo)*, Caderno 6, São Paulo, p.5, 09 de nov. 1991.

WÖLLFLIN, Heinrich. *Renascença e Barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1989.